



O projeto multimídia do artista catalão Antoni Abad é obra estruturalmente complexa de conceito simples, que dá voz a pessoas comuns, transformando-as em cronistas do cotidiano e permitindo-lhes que versem sobre as agruras e delícias do coletivo social que integram. Teve início em 2004 e, primeiramente, focou o universo dos taxistas da Cidade do México, grupo de profissionais que carrega o estigma de seqüestradores e bandidos.

A obra funciona do seguinte modo: Abad convida integrantes de coletivos que não têm presença ativa nos meios de comunicação preponderantes para construir canais de informação na internet, por onde circula apenas o que lhes diz respeito. Munidos de telefones celulares, os indivíduos coletam mensagens de áudio, vídeo, foto, texto e conversas telefônicas, captados em espaços públicos e privados da cidade e coordenam a publicação em tempo real, *on-line*, de fóruns e páginas previamente acordados entre eles em reuniões periódicas. Nesses encontros eles também analisam a evolução desses canais, decidem sobre a criação de novas páginas e se associam em grupos dedicados a cuidar de cada canal predeterminado.

Após desenvolver o projeto com grupos díspares, cujo cotidiano só é manchete em caso de tragédia, como o das prostitutas de Madrid, dos imigrantes nicaraguenses da Costa Rica, dos ciganos de León e Lleida (Espanha) e dos deficientes físicos de Barcelona, agora o Zexe.net está desenvolvendo as atividades descritas com os motoboys de São Paulo. Note-se que todos os países envolvidos são ibero-americanos, um acaso, segundo o artista.

O Projeto Motoboys, ainda que seja o mais recente, foi o primeiro a ser planejado e estava previsto para acontecer em 2004. O início de tudo deu-se numa visita de Antoni Abad a São Paulo, quando conheceu o universo dos motoqueiros profissionais: um contingente de quase 160 mil indivíduos amaldiçoados por motoristas e transeuntes, mas indispensáveis para o bom funcionamento dos serviços burocráticos metropolitanos.

Percebendo a presença ostensiva dos motoboys pelas vias, sua realidade arriscada e a indiferença com que são tratados pela população, o artista começou a se dedicar à viabilização de Zexe.net. Após esbarrar em muitos entraves práticos e financeiros brasileiros, o Projeto Motoboys finalmente deslançou em abril e maio de 2007, desenvolvido por um núcleo de trabalho interdisciplinar montado no Centro Cultural São Paulo.

* Daniela Labra é curadora independente graduada em Teoria do Teatro pela Uni-Rio, especializada em Comunicação e Arte pela Universidade Complutense de Madrid e mestre em Artes pela Unicamp. Desde 2003 realiza projetos com arte contemporânea, tendo desenvolvido curadorias e oferecido palestras na Holanda, Inglaterra, Alemanha e Finlândia, sobre a produção de arte atual. Coordena com a Galeria Vermelho (SP) o festival Verbo, dedicado à *performance* arte. Sua curadoria mais recente é *Fabulosas Desordens* (2007), na Caixa Cultural (RJ). Pertence ao conselho editorial da revista *Número* desde 2003 e tem publicado em revistas especializadas e catálogos de exposições. É professora substituta do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mantém o site www.artesquemacom.com

O Canal Motoboy é acessível na *web* www.zexe.net e é elaborado por uma equipe formada por Antoni Abad – mentor e diretor –, o sociólogo e antropólogo Augusto Stiel Neto, um programador e 12 motoboys, que trabalham remotamente nas ruas e também numa espécie de base fixa do Canal, composta por uma mesa circular e quatro computadores ligados à internet. Reuniões periódicas mantêm o grupo coeso, num processo que dura ao todo cerca de dois meses. Os participantes recebem treinamento técnico, enquanto são estimulados a refletir sobre seu dia-a-dia.

Longe ou perto da base de trabalho, circulam pela cidade 12 aparelhos celulares nas mãos dos motoqueiros, que transmitem dados ao longo do dia para a internet, postando no *site* as coisas cotidianas que singularizam seu universo. Como anunciado no *site*:

12 motoboys percorrem espaços públicos e privados da cidade de São Paulo. Munidos de celulares com câmera integrada, fotografam, filmam e publicam em tempo real na internet suas experiências, transformando-se em cronistas de sua própria realidade.¹

Como diferença dos outros canais, o Canal Motoboy apresenta uma ferramenta inédita, uma palavra-chave sugerida e postada pelo motoqueiro em sua página, que serve como linha temática para o agrupamento dos dados audiovisuais. Outra diferença é com relação a depoimentos em primeira pessoa dos participantes, que nessa versão do projeto são acompanhados de entrevistas a terceiros, feitas por eles próprios.

O lançamento oficial do Canal Motoboy ocorreu em 12 de maio de 2007, com o oferecimento de um coquetel no Centro Cultural São Paulo e a liberação da mesa-base de reuniões do grupo para o público navegar pelo Canal.

Uma vez terminados os trabalhos, o projeto é encerrado, e a vida dos indivíduos retorna à rotina normal, ainda que o encerramento não se de forma abrupta. Como a ajuda de custo oferecida é cortada aos participantes, permanecer atualizando o *site* vai-se complicando, até que o processo seja finalizado. Entretanto, no caso dos taxistas mexicanos o projeto rendeu uma associação latino-americana de taxistas, que continua a crescer sem qualquer intervenção de Antoni Abad.

Refletindo sobre o seu trabalho de organizar esses canais de comunicação e a circulação de seus conteúdos, Antoni declara:

Eu já me perguntei se isso poderia ser uma ONG. Mas me parece mais ágil poder acessar o trabalho a partir do mundo da arte, continuar funcionando no mundo da arte, usar a infra-estrutura e desviar os recursos do mundo da arte para um campo sociocultural, que é o que acredito estar fazendo. Isso é mais fácil do que organizar uma estrutura de ONG, que acredito dever ser uma loucura de burocracia. É uma estrutura muito complexa.²

1 Ver <http://www.zexe.net/SAOPAULO/intro>



Mesa de trabalho do Projeto Motoboy no Centro Cultural São Paulo, 2007.
Foto: Daniela Labra

Ao assumir o pontencial social de seu projeto e encarar a agilidade provida pelo meio de arte com tal franqueza, Abad consegue fugir de paternalismos artísticos que muitas vezes surgem em obras que pretendem denunciar ou ilustrar necessidades de minorias em imagens poéticas para espaços artísticos e que refutam o evidente apelo social como se isso diminuísse o valor estético.

Entretanto, por não se tratar de uma ONG, o projeto Zexe.net finda após um certo tempo. E é neste término do processo que está seu aspecto mais interessante. Ao apresentar um vasto material audiovisual sobre realidades pouco comentadas na mídia, o *site* torna-se uma espécie de arquivo de um determinado espaço e tempo onde podemos conhecer os hábitos e sentimentos de indivíduos improváveis, acompanhar seus passos já percorridos e lugares freqüentados, além de perceber como cada um deles manipulou as ferramentas de comunicação disponíveis na época.

A série de retratos de coletivos de Zexe.net está acessível a qualquer pessoa durante um tempo indeterminado, e daqui a décadas seu valor como documentação sociocultural estará mais potente. Como contém qualidade estética e poética, esse projeto já é uma obra atemporal, por ser, justamente, uma obra datada.